

# A GÊNESE HISTORIOGRÁFICA LINGUÍSTICO-CIENTÍFICA DE LABOV

## LABOV'S LINGUISTIC-SCIENTIFIC HISTORIOGRAPHICAL GENESIS

*Daniel Marra\**

*Sebastião Elias Milani\* \**

**Resumo:** *A proposta desse artigo é mostrar a trajetória acadêmica e científica de William Labov. Quer-se marcar a importância do trabalho científico desse autor e a difícil trajetória até ele encontrar seu verdadeiro objeto de interesse científico. Mostra-se também que não existe nos fatos da cientificidade acidente ou coincidência, nem mesmo qualquer fator inato, tudo se compõe de uma individualidade historiográfica construída pelas múltiplas experiências que todo ser humano acumula ao longo de sua vida, a cada nova experiência as anteriores são determinantes para as tomadas de decisão. Os métodos de trabalho são produzidos pelos arranjos de muitos outros métodos experimentados e vividos e, a um certo tempo, desenvolvidos. Labov deve ser visto como uma pessoa singular e apaixonada por ciência. Sua originalidade deve ser encontrada em sua ousadia em desenvolver uma abordagem de caráter empírico-objetivista, cujos métodos de análise linguística se aproxi-*

---

\* Mestre e doutorando em Letras e Linguística – UFG. Professor do Ensino Básico Técnico e Tecnológico, IFTO.

\*\* Doutor em Semiótica e Linguística Geral - USP. Professor Adjunto IV, Departamento de Estudos Linguísticos e Literários, UFG.

*mam daquelas das ciências exatas. Em meio às profundas mudanças de comportamento experimentadas pela sociedade norte-americana nos anos 1960, Labov desenvolveu suas mais importantes pesquisas que, posteriormente, liderariam as reivindicações por um novo modo de se fazer linguística. Da observação desses diferentes elementos, pode-se dizer que o pensamento linguístico desse autor deve ser compreendido como um produto de sua história sócio-individual e que nele está refratada a essência do pensamento geral de uma época.*

Palavras-chave: *Labov, Individualidade Historiográfica, Gênese Científica.*

## **Introdução**

Como pode ser mostrado pela história, aqueles que não têm passado, geralmente, não tem futuro também.

*Manfred Fuhrmann*<sup>1</sup>

No desenvolvimento deste artigo será mostrado como as ideias linguísticas de William Labov (1927-) estão intimamente relacionadas com seu contexto de gênese e com sua história sócio-individual. Alguns apontamentos biográficos mostrarão como foram os anos iniciais da vida do autor, sua relação com sua comunidade, com a escola, com as artes, seus primeiros contatos com o dialeto nova-iorquino e sua formação acadêmica.

São fatos relevantes em sua história e para a compreensão da emergência de seus estudos: seu retorno à Universidade após uma década de trabalho como químico; o encontro com Uriel Weinreich; a revisão da literatura linguística; a pesquisa em *Martha's Vineyard* e a recepção dessa pesquisa pela *Linguistic Society of America*; as pesquisas de Nova Iorque sobre a estratificação social do inglês; o desenvolvimento de novas técnicas para a análise de da língua falada; o estudo do

---

<sup>1</sup> As can be shown from history, those who have no past, usually have no future either (FUHRMANN, 2001, p. 111 *apud* KOERNER, 2002, p. 285).

inglês negro; sua mudança para a Pensilvânia e o desenvolvimento do Laboratório de Linguística na Filadélfia. Será, além disso, importante localizar seus estudos no contexto sócio-histórico de emergência.

Da observação desses elementos, este texto não toma como esgotada a ideia de que nenhum pensamento se desenvolve afastado do clima geral de opinião de um determinado período. O pensamento linguístico do autor deverá, então, ser analisado como uma refração do pensamento geral dessa época e como um produto de sua sócio-história.

## 1 A formação, a educação, os encontros, os estranhamentos

William Labov<sup>2</sup> nasceu em Rutherford, pequena cidade do estado de Nova Jersey, em 4 de dezembro de 1927. Aos 12 anos de idade mudou-se para *Fort Lee*, região que fica dentro da área dialetal da cidade de Nova Iorque. Ele disse que o fato da nova cidade dividir as mesmas características do dialeto de Nova Iorque influenciou muito sua abordagem à língua [inglesa], pois ele pronunciava o 'r' final das palavras sem que precisasse pensar nele, e era perfeitamente feliz com a forma com que suas vogais se realizavam em palavras como *mad* e *more*. Enfatizou que os habitantes de *Fort Lee* não pronunciavam seus 'r' finais, exceto quando pensavam neles, e não gostavam da maneira que diziam *mad* e *more*.

Seus anos no colégio foram cheios de conflitos. Muitas das personagens com as quais se envolvia eram bastante violentas e, por causa disso, cresceu acreditando que a maioria das famílias locais tinha relações com a máfia. No entanto, Labov diz que as pessoas com quem se tem os maiores conflitos são, frequentemente, as mais importantes para a formação do caráter de alguém, constituem seu grupo referência, e todos foram bons amigos quando se encontraram anos mais tarde.

Por volta do início da década de 1940, Labov assistiu ao filme *Pygmalion*, versão para o cinema da peça do dramaturgo inglês George Bernard Shaw (1856-

---

<sup>2</sup> Parte das informações sobre a biografia de Labov foi retirada do texto autobiográfico *How I got into linguistics, and what I got out of it*, escrito em 1987 e revisado em 1997. Nesse texto, Labov busca responder questões relacionadas à sua entrada no campo dos estudos linguísticos. O texto encontra-se disponível em sua página eletrônica: <http://www.ling.upenn.edu/~wlabov/>

1950)<sup>3</sup>. Ele diz se lembrar da personagem de Leslie Howard (Henry Higgins) escrever todas as palavras que saíam da boca da personagem Eliza Doolittle. O adolescente William Labov achou aquilo incrível e se perguntava como ele conseguia fazer aquilo. Anos depois, após sua imersão nos estudos linguísticos, perceberia que, na verdade, Higgins escrevia apenas alguns dos sons, os que o interessavam.

Ele diz ter sido bem mais fácil fazer pesquisa de campo em Battersea Park, Chelsea e Londres, vinte anos mais tarde, pois tinha em mãos um gravador, ao invés de uma caneta. Henry Higgins foi explicitamente inspirado em Henry Sweet (1845-1912)<sup>4</sup>, grande foneticista inglês, a quem Labov diz ter, desde então, passado a admirar intensamente. Algumas de suas próprias descobertas sobre os princípios gerais da mudança linguística são, segundo ele, uma versão moderna do que Sweet sugeriu em seu *A history of English Sounds* (1888).

Labov iniciou seus estudos em Harvard em 1944. Disse nunca ter pensado em se tornar um linguista durante os anos que estudou nessa Universidade, onde se graduou em Inglês e Filosofia e, concomitantemente, cursava Química (inorgânica). Em uma das reuniões com seu orientador de filosofia, John Wild, em que este soube que ele estava cursando Química, indagou: “onde foi que você adquiriu essa idolatria por ciência?” Labov diz ter pensado bastante sobre isso desde então: Wild estava perfeitamente certo, ele realmente tinha uma idolatria por ciência naquela época e nunca mais a perdeu.

---

<sup>3</sup> Shaw escreveu a peça *Pygmalion* em 1912. Em 1938, uma primeira versão para o cinema foi lançada com o mesmo título. Em 1956, virou tema de um musical na Broadway e, em 1964, uma nova versão para o cinema estreou com o título de *My Fair Lady*, com Audrey Hepburn no papel da jovem Eliza Doolittle e Rex Harrison como o professor Henry Higgins. *Pygmalion* é uma peça baseada em um mito grego de mesmo nome. Seu enredo conta a história de Henry Higgins, um professor de fonética que faz uma aposta com um colega de que ele, com sucesso, transformaria uma garota operária, do leste de Londres, em uma refinada dama da sociedade, ensinando-a a falar com o sotaque da classe alta, e treinando-a em etiqueta.

<sup>4</sup> Na citação a seguir, Bernard Shaw explica porque Henry Higgins foi inspirado em Henry Sweet: *The reformer England needs today is an energetic phonetic enthusiast: that is why I have made such a one the hero of a popular play. Henry Sweet (...) was, I think, the best of them all at his job. (...) Pygmalion's Higgins is not a portrait of Sweet, to whom the adventure of Eliza Doolittle would have been impossible; still, as will be seen, there are touches of Sweet in the play. With Higgins's physique and temperament Sweet might have set the Thames on fire* (SHAW, Prefácio de *Pygmalion*, 1912)].

Quando deixou Harvard tinha em mente que gostaria de escrever. Perdeu vários empregos em rápidas sucessões, em que escrevia em jornais de publicidade, entre outros. Mas, depois de alguns anos, terminou em algo mais prático, usando seus conhecimentos de química no laboratório de uma pequena empresa. Tornou-se um fabricante de tintas, especializando-se em formular tintas para serigrafias, onde também adquiriu um forte sentimento para pesquisas. De sua experiência com trabalhos industriais adquiriu uma firme crença na existência do “mundo real”. Labov (1997, s/p) faz uma comparação com o que, frequentemente, ocorre em trabalhos dessa natureza: “se um pesquisador cobrir um painel com esmalte e o expuser ao sol e, seis meses depois, voltar e encontrar a cobertura rachada e descascando, descobrirá que estava errado seis meses antes”.

Segundo escreveu Labov (*op. cit.*), “o pesquisador poderá não saber por que estava errado, mas terá a certeza de que alguma parte do mundo real derrotou seu real esforço em proteger uma superfície de metal”. Disse que também pode ocorrer de se estar entre os rolos de duas impressoras gigantes, com um vice-presidente dizendo para você que se a impressora não imprimir em quinze minutos ele perderá uma quantia considerável de dinheiro e você perderá um cliente: se você conseguir fazê-las funcionar, você estará certo, se não conseguir, estará errado<sup>5</sup>.

Essa segunda parte talvez explique o motivo que o levou a abandonar sua carreira de químico e retornar à Universidade em 1961, depois de uma década atuando nessa área. Na ocasião de seu retorno à Universidade (Colúmbia, Nova Iorque), Labov tinha em mente algumas pesquisas sobre a língua inglesa. No en-

---

<sup>5</sup> Após a apresentação de seu texto *Methodology* (1971), um dos ouvintes de sua conferência, James R. Holbrook da *Georgetown University*, citou um trecho de *State of the Art* (1968, pp. 34-35), de Charles Hockett, em que esse autor sumariza o pensamento de Zellig Harris, dizendo que “a verdade real (pelo menos relação à Linguística) não é alcançável”, e que não se deveria “preocupar muito com os fins”. Holbrook quis saber se aquela era a filosofia seguida pela maioria dos linguistas da época, e se a metodologia que Labov expusera naquele encontro oferecia alguma esperança para que, eventualmente, se chegasse a alguns fins sobre a natureza da língua. Labov não hesitou em responder sim a esse questionamento. Além de questionar as abordagens dos linguistas das décadas de 1930 e 1940 (Bloomfield, Harris), o autor enfatizou que sua abordagem estava embasada também em seu conhecimento do mundo das exatas e, dessa forma, recorreu à sua experiência como químico industrial para dizer que nessa área não há questionamento sobre certo ou errado. Segundo o autor, confrontações com o mundo físico é muito útil para que se mudem certos pontos-de-vista, como aquele citado por Hockett (cf. LABOV, 1971, pp. 492-493).

tanto, sua aproximação com a linguística aconteceu com certo estranhamento, o que o levaria a propor uma abordagem empírica aos estudos sobre a mudança linguística. O autor disse que na época não havia se dado conta, mas ele também estava trazendo para a Linguística outros dois recursos que haviam desaparecido da Universidade: a crença de que as pessoas da classe trabalhadora têm muito a dizer e que existe o estar certo e o estar errado.

From what I learned about the small, new field of linguistics, it seemed to be an exciting one, consisting mostly of young people with strong opinions who spent most of their time arguing with each other. When I found that they were also drawing most of their data out of their heads, I thought that I could do better. I would make good capital of the resources I had gained in industry. I would develop an empirical linguistics, based on what people actually say, and tested by the experimental techniques of the laboratory (LABOV, 1997, s/p).

O chefe do Departamento de Linguística da Universidade de Colúmbia era Uriel Weinreich (1926-1967). Labov disse ter tido sorte de encontrá-lo. Weinreich era um ano mais velho que ele e o protegeu de todos os males do meio acadêmico. Quando Labov visitava outras Universidades, o nome de Weinreich sempre trazia um olhar especial de respeito e admiração. A parceria entre eles durou cerca de sete anos. Foi aluno de Weinreich em disciplinas como: Sintaxe, Semântica, Dialetologia e História da Linguística. Além disso, este supervisionou sua pesquisa sobre os ditongos centralizados (ay) e (aw), na ilha de *Martha's Vineyard*, que constituiu em sua dissertação de Mestrado (1963), e sua pesquisa sobre a estratificação social do inglês falado na cidade de Nova Iorque, sua tese de Doutorado (1966).

A parceria foi interrompida com a morte precoce de Weinreich, aos 41 anos, vítima de leucemia, em 1967. Ao analisar, anos mais tarde, alguns trabalhos não publicados do mestre, Labov disse ter descoberto alguns esboços para o estudo do inglês de Nova Iorque que antecipavam seus próprios projetos. Por causa disso, não sabia, ao certo, quais ideias trouxera para a Linguística e quais adquirira de Weinreich.

In my regular meetings with Uriel Weinreich, I rarely got direct suggestions about what to do next. He inserted only occasional questions as I talked at length about what I had been doing. (...) reading over his unpublished papers, I found an outline for the study of New York City speech community that anticipated my earliest notes for the project. I find it very hard to say where his influence is to be

found, since it has merged so deeply with my own approach to language, so I must assume that it is everywhere (LABOV, 2006[1966], p. xii).

No início da década de 1960, iniciou sua abordagem empírica ao estudo da língua, da forma como ela era, efetivamente, empregada pelos membros da ordem social em suas interações cotidianas. Segundo Labov, na ocasião de seu retorno à Universidade, após uma década de trabalho como químico industrial, havia duas direções principais na Linguística. Uma que lidava com as descrições das línguas como elas são na atualidade (estudos sincrônicos) e outra que se ocupava de suas histórias, isto é, como elas se desenvolveram até o estágio atual (estudos diacrônicos). Percebera que em ambas as direções havia alguns problemas a serem resolvidos se a Linguística tivesse que ir ao encontro do que as pessoas realmente enunciavam ao fazer uso da língua.

Julgou, portanto, inapropriadas as determinações saussurianas de que sistemas estruturais do presente e mudanças históricas do passado deveriam ser estudados separadamente. A distinção sincronia/diacronia fizera com que a primeira metade do século XX se dedicasse quase que exclusivamente aos estudos sincrônicos descritivos da língua. E apesar dos esforços de Martinet e outros estudiosos que se lançaram ao estudo de mudanças históricas, pouco progresso havia sido obtido em localizar mudanças em progresso.

Embora houvesse restrições ao estudo da mudança sonora no presente devido a sua pouca evidência, Bloomfield (1933) e Hockett (1958), e limitações à explicação das causas da mudança linguística Bloch e Trager (1942), Labov confessou ter ignorado tais restrições por força de sua vontade e resistência à autoridade. Além disso, encontrara na Universidade de Colúmbia um professor, Uriel Weinreich, cuja visão já havia driblado tais barreiras.

## 2 Os primeiros estudos

### 2.1 Os ditongos centralizados (ay) e (aw) de *Martha's Vineyard*

Essa foi a primeira pesquisa de Labov, como linguista. Constituiu sua dissertação de Mestrado, com o título de "*The Social History of a Sound Change on the Island of Martha's Vineyard, Massachusetts*". Lá, o linguista observou uma forma peculiar na maneira como seus informantes pronunciavam algumas palavras com os ditongos /ay/ e /aw/ centralizados no aparelho fonador bucal.

A constatação do autor foi que essa mudança sonora em *Martha's Vineyard* estava servindo como uma reivindicação simbólica aos direitos e privilégios locais, em oposição à ocupação da ilha pelos veranistas que estavam comprando e habitando toda a ilha e obrigando, com isso, os habitantes nativos a se retirarem para o interior. Assim, segundo o autor, um estudo dos dados mostrou que a alta centralização dos ditongos estava estreitamente correlacionada com expressões de forte resistência às incursões dos veranistas, quanto mais alguém tentasse exercitar suas reivindicações, mais forte era a mudança nos sons dos ditongos.

Uma resposta para o padrão complicado em que essa característica tinha se desenvolvido em *Vineyard* e a razão de sua maior intensidade entre os mais jovens estaria relacionada à forma com que diferentes grupos estavam reagindo aos diferentes desafios sobre seus *status* de nativos. Nas duas últimas gerações, os desafios haviam se tornado mais acentuados por causa das intensas pressões econômicas e sociais. O grupo de ascendência inglesa havia se submetido às pressões externas, de forma que pudesse manter sua posição diante de uma redução na economia e da constante invasão dos veranistas. O grupo de ascendência luso-africana buscava afirmar sua identidade como um ilhéu, já que o número desses em posições conceituadas crescia e não precisava mais minimizar os efeitos de serem luso-africanos. O grupo indígena reclamava maior participação na vida da ilha. Embora quisesse insistir em sua identidade indígena, não possuía mais recursos linguísticos para esse propósito e seguiria, portanto, a liderança dos descendentes de ingleses.

*Chilmark* era a região habitada pelo grupo dos pescadores, responsável pelo início e disseminação dos ditongos centralizados. Tratava-se do grupo mais unido, o mais independente, o que mais se opunha às incursões dos veranistas. Segundo Labov, a identidade do pescador possui um caráter inerentemente dramático, o que o torna um candidato ideal para iniciar novos estilos de fala. Dessa maneira, as formas centralizadas constituíam uma parte do caráter dramatizado da ilha, assumidas pelo habitante de *Chilmark*.

Os membros mais jovens do grupo de ascendência inglesa consideravam os idosos e os habitantes da parte superior da ilha como um grupo referência, que carregava consigo a convicção de que a ilha lhes pertencia. Daí esse grupo exercer maior influência entre os mais jovens. Dessa forma, Labov (1991[1972] p. 38) argumentou que “o significado da centralização, julgando pelo contexto em que ela ocorria, representava uma orientação positiva em relação à ilha de *Martha's Vineyard*”.



Uma questão importante permanecia sem resposta, pois o autor havia observado que os ditongos centralizados não sobressaíam à consciência dos falantes. Dessa forma, o linguista propôs uma explicação lógica que visava responder de que forma as pressões e as atitudes sociais estavam relacionadas com as estruturas linguísticas, pois, sendo os falantes de *Vineyard* não-conscientes da centralização dos ditongos, dificilmente esses elementos poderiam ser objetos diretos de influência social (cf. *op. cit.*, p. 40).

Segundo o autor, existiam cerca de quatorze variantes fonológicas, além das formas (ay) e (aw), que seguiam a regra geral (as variantes mais altas, mais constrictas, eram características dos falantes “nativos” da parte superior da ilha, enquanto que as variantes mais baixas e mais abertas eram características dos falantes da parte inferior da ilha sob influência do continente). Dessa forma, argumentou que era esse estilo articulatorio, produzido com a boca mais fechada, com maior constrição na boca, o objeto de influência social.

(...) social evaluation interacts with linguistics structures at this point, through the constriction of several dimensions of phonological space. Particular linguistic variables would then be variously affected by the overall tendency towards a favored articulatory posture, under the influence of social the forces which we have been studying (*op. cit.*, *loc. cit.*).

Labov apresentou os resultados de sua pesquisa diante da *Linguistic Society of America*, em 1962. O autor disse ter esperado uma grande batalha contra as ideias estabelecidas até que seu trabalho fosse reconhecido. No entanto, sua apresentação foi muito bem recebida.

## 2.2 A pesquisa em Nova Iorque

A pesquisa intitulada “*The Survey of the Lower East Side*”, descrita entre os Capítulos VI e XIII da tese de Labov, é considerada, pelo próprio autor, a mais importante das investigações realizadas em Nova Iorque. Essa é a quarta das pesquisas que constituíram sua tese. Para esse estudo, Labov coletou informações de 340 indivíduos, através de entrevistas gravadas e textos escritos. Os dados finais representaram cerca de 150 horas de gravação, 200 testes de reações subjetivas e 200 formulários de auto-avaliação. Na região, estavam representados os grupos alvos de seu estudo: classe média, classe operária e classe baixa, e os principais

grupos étnicos da cidade: italianos, judeus, irlandeses, alemães, ucranianos, poloneses, afro-americanos e porto-riquenhos.

Nesse estudo, Labov observou que a maioria de seus informantes demonstrava fortes opiniões sobre a língua e não hesitava em expressá-las. A forma como esses indivíduos percebiam a língua que falavam estava relacionada com declarações socialmente aceitas sobre esse objeto. Dessa forma, era comum condenarem a língua de uma pessoa, de um grupo ou de uma cidade inteira. Ao buscar identificar a orientação de seus informantes em relação à forma com que percebiam sua língua, o pesquisador perguntava a eles se já haviam sido identificados como nova-iorquinos por causa da forma como falavam. Três-quartos de seus entrevistados, pertencentes à classe trabalhadora, relataram que sim. Mas apenas a metade dos entrevistados, pertencentes à classe média, respondeu afirmativamente a essa pergunta. Os que afirmaram nunca terem sido reconhecidos como nova-iorquinos, demonstraram orgulho pelo não reconhecimento, pelo caráter estigmatizado do dialeto da cidade.

No entanto, conforme argumentou o autor, quando os nova-iorquinos diziam que as pessoas de outros Estados americanos não gostavam do dialeto falado em Nova Iorque, estavam descrevendo uma atitude que era, de fato, deles próprios. Tratava-se de uma auto-depreciação do dialeto ou, como denomina Labov, “auto-depreciação linguística”. Eram as mulheres quem mais se expressavam negativamente em relação ao dialeto nova-iorquino. E, dessa forma, essas atitudes negativas determinavam até mesmo o pensamento de quem nunca havia ultrapassado os limites da cidade. Segundo o autor, as atitudes negativas em relação à fala da cidade, de forma geral, se aplicavam também à forma com que seus informantes percebiam suas próprias falas. Mais da metade desses entrevistados viam seus dialetos como de má qualidade e dois terços já havia, de alguma maneira, tentado mudar a forma como falavam. Para Labov, tratava-se de pressões sofridas pela classe operária para que se adaptasse aos padrões de fala da classe média.

Outras formas de correção partiam dos filhos dos informantes. Assim, os filhos de pessoas pertencentes à classe trabalhadora eram implacáveis com a forma com que seus pais pronunciavam suas palavras, causando declarações frequentes, como: “meu filho sempre ri de mim” e “está sempre me corrigindo”. Labov argumentou que, como regra, seus informantes mostraram pouca tendência em respeitar a fala dos mais velhos. Diante de tais circunstâncias, os nova-iorquinos mais velhos eram confrontados com a insegurança linguística. Labov denominou de “pressões que vêm de cima” (*pressure from above*) esse mecanismo em que as

pressões partem de um nível social mais elevado em direção à fala das pessoas que estão num nível inferior na hierarquia social, buscando conformá-las ao padrão de fala da classe superior. Quando essas pressões que partem de cima ocasionam mudanças fonológicas nas palavras são denominadas de “mudanças que vêm de cima” (*changes from above*).

No entanto, as “pressões que vêm de cima” não eram as únicas a afetar o discurso dos falantes nova-iorquinos e a desencadear a mudança. Suas investigações mostraram que pressões igualmente poderosas podem se originar na parte inferior da pirâmide social (pressões que vêm de baixo [*pressures from below*]), já que os padrões de estratificação da língua se tornavam mais acentuados, ao invés de desaparecer.

As pressões em favor do padrão dialetal nativo foram identificadas como muito fortes entre as crianças que frequentavam a escola. Labov argumentou que as crianças que vinham de outras cidades, ao chegarem à Nova Iorque, eram obrigadas a abandonar seus sotaques regionais, caso contrário, seriam vítimas de escárnio pelos colegas nativos. A pressão era ainda maior sobre aqueles que tentassem utilizar um padrão de fala prestigiado pela classe média. Labov ressaltou ainda que a resistência das crianças às normas da classe média estava relacionada às atitudes sobre a língua, defendidas pelos professores, que era bastante diferente da língua que elas faziam uso no cotidiano. Quase todos os alunos que ele entrevistou concordaram que a fala de seus professores de inglês representava um dialeto remoto e especial que não apresentava nenhuma utilidade em suas interações cotidianas.

Ao comparar as atitudes gerais dos nova-iorquinos sobre sua língua, Labov percebeu grandes diferenças entre o comportamento feminino e o masculino. Homens e mulheres compartilhavam da visão de que os não nova-iorquinos não gostavam da fala da cidade, porém as mulheres foram mais consistentes nesse assunto. Segundo o autor, os homens tendiam a favorecer o dialeto de Nova Iorque, enquanto que as mulheres eram fortemente contra. Em suas análises sobre a mudança linguística, as mulheres também mostraram maior tendência para a mudança, além de mostrarem maior insegurança linguística que os homens.

Outro fator que favorecia a compreensão do complicado padrão linguístico nova-iorquino foi encontrado na variável “diferença de classes”. Dentre os poucos que responderam nunca terem sido reconhecidos como nova-iorquinos todos pertenciam à classe média. Labov assinalou que o objetivo linguístico dos nova-

iorquinos de classe média era o de não serem reconhecidos como tais através de suas falas e, portanto, considerariam um elogio se alguém dissesse que eles não soavam como os habitantes da cidade.

Segundo o autor, três-quartos dos seus informantes de classe média disseram que os não nova-iorquinos não gostavam da fala da cidade, enquanto que uma porcentagem bem menor foi encontrada entre os falantes da classe baixa. Sobre as atitudes com relação à própria fala, a classe baixa apresentou as menores reações negativas o que demonstrava maior segurança linguística. Dessa forma, a conclusão do autor foi que a classe média mostrou maior tendência em liderar outras classes no processo de mudança linguística, enquanto que a classe baixa mostrou menos esforços nessa direção.

As “diferenças étnicas” constituíram outra variável importante na explicação das atitudes gerais dos nova-iorquinos sobre a língua: os falantes de ascendência italiana foram quase unânimes em reportarem que haviam sido reconhecidos como nova-iorquinos pela forma como falavam, enquanto que o grupo dos judeus mostrou algumas exceções. No entanto, ambos os grupos mostraram aversão pela própria língua e esforços por mudá-la. Por outro lado, o grupo afro-americano não acreditava que as pessoas de fora não gostassem do dialeto da cidade e, enquanto a maioria branca tenha demonstrado atitudes negativas sobre o padrão linguístico da cidade, apenas uma minoria de afro-americanos expressou-se semelhantemente.

Além do estudo do efeito das variáveis *sexo*, *classe social* e *grupos étnicos* nas atitudes dos informantes a respeito da língua, o pesquisador procurou observar se a variável “faixa etária” desempenhava algum papel relevante nesse sentido. Foi constatado, no entanto, que essa variável não apresentava grande diferença, nem sobre serem reconhecidos como nova-iorquinos, nem sobre a visão que as pessoas de fora tinham a respeito do dialeto da cidade.

Dessa forma, o autor concluiu *que the effort to escape identification as a New Yorker by one's own speech provides a motivating force for phonological shifts* (LABOV, 2006[1966], p. 338). O tema principal que emergiu desse estudo foi a “insegurança linguística” que, segundo o autor, se deve ao padrão linguístico desprestigiado que envolvia a fala da cidade de Nova Iorque. Em um comentário acrescentado à Segunda Edição do livro sobre o inglês de Nova Iorque, Labov (*op. cit.*, pp. 340-341) diz que a forma como o vernáculo nova-iorquino resiste, apesar de contínuas campanhas contra ele, permite que se levantem dúvidas quanto ao efeito das “pressões sociais que vêm de cima”.

### **2.3 O *Black English* do Harlem**

Em 1967, enquanto lecionava na Universidade de Columbia, Labov propôs uma pesquisa ao Departamento de Educação Americano, em que objetivava descobrir se o dialeto falado pelas crianças negras do *Harlem* (bairro de Nova Iorque) estava relacionado com o fracasso das escolas em ensiná-las a ler (cf. LABOV, 1997). Para o autor, essa se tornou uma das aventuras intelectuais e sociais mais fascinantes de sua vida, pois descobriu que, embora os pesquisadores pensassem que entendessem o que os falantes desse dialeto diziam, não tinham nenhuma compreensão do sistema que eles empregavam.

Juntamente com os colegas Paul Cohen, Clarence Robins e John Lewis, Labov iniciou um estudo detalhado de todos os grupos sociais das regiões central e sul do *Harlem*. Assim, com uma combinação de participante observador e análises matemáticas, a variação interna que governava aquele comportamento linguístico foi revelada. Os resultados mostraram que existiam grandes diferenças entre os padrões de fala de negros e de brancos. No entanto, a causa principal do fracasso na aprendizagem de leitura pelas crianças estava relacionada à depreciação simbólica do vernáculo afro-americano, parte de um racismo institucionalizado na sociedade americana e que condenava ao fracasso escolar. A partir disso, Labov escreveu um texto, “*The Logic of Nonstandard English (1967)*”, em que defendeu as variedades faladas por comunidades negras como perfeitamente adequadas à aprendizagem e para expressar o pensamento lógico.

### **2.4 O desenvolvimento do Laboratório de Linguística na Filadélfia**

Em 1970, após seis anos como professor na Universidade de Colúmbia, Labov mudou-se para o Estado da Pensilvânia. O dialeto da Filadélfia oferecia um laboratório ideal para o estudo da mudança nos sons, pois cerca de dois terços das vogais daquela cidade estavam envolvidas num complexo processo de mudança. Na Universidade da Pensilvânia, desenvolveu o Laboratório de linguística, um lugar para onde foram pessoas de toda parte para aprender a trabalhar com a língua de uma forma “científica e realista”.

We work with one foot in the university, and one in the community. In the course on “The Study of the Speech Community”, students learn how to cross the line that separates the university from the world around it. They make friends in the local neighborhoods, gather data on social life, and analyze it by quantitative techniques (LABOV, 1997, s/p).

Labov disse que se essa abordagem empírica fosse, naquela época, a forma dominante de se fazer Linguística e teoria linguística, ele teria, certamente, perdido a visão da “aventura” acadêmica que uma vez o inspirou. Mas esse, segundo o autor, não era o caso: “os linguistas continuavam buscando respostas em perguntas feitas a si mesmos”.<sup>6</sup>

Na abordagem laboviana, a tecnologia desempenha um papel fundamental. Os avanços tecnológicos permitiram-lhe desenvolver equações mostram como a língua se mantém em constante mudança e o que a motiva. Além disso, foi a tecnologia que permitiu o mapeamento das mudanças sonoras em todos os estados dos Estados Unidos, através do Projeto *Telsur* (*telephone survey*), que produziu o *Phonological Atlas of North American English* (2006).

No entanto, para Labov, uma teoria apenas se justifica se ela se encaixar nos fatos, sobretudo para alguns fatos, como aqueles que afetam as chances das vidas das pessoas, que são mais importantes do que outros. Por causa disso, no início da década de 1990, organizou outro grupo de pesquisa para retornar ao problema das diferenças entre os dialetos branco/negro na Filadélfia. Os resultados desse estudo mostraram que as diferenças encontradas no *Harlem*, cerca de duas décadas antes, não estavam crescendo menos, pelo contrário, as línguas que brancos e negros falavam em suas casas estavam ficando cada vez mais diferentes uma da outra.

Havia um acordo geral entre os pesquisadores de que no século XIX o dialeto negro tinha sido muito mais diferente de outros dialetos do inglês e que estava, no final da década de 1970, gradualmente, convergindo com os outros dialetos. Nos anos que se seguiram, a evidência dessa suposição foi colocada em dúvida e novas descobertas mostraram que as principais correntes de mudanças estavam em direções opostas: o dialeto afro-americano estava se tornando mais diferente dos outros dialetos. Pesquisas sobre a língua de ex-escravos mostraram

---

<sup>6</sup> Essa declaração deve ser discutida a partir das teorizações de Noan Chomsky, que defendia a tese de que os linguistas deveriam dar “prioridade à evidência introspectiva e às intuições linguísticas dos falantes nativos” (CHOMSKY, 1965, p. 20 *apud* LABOV, 1971, p. 437). Labov assinalou que a metodologia básica da Gramática Gerativa dependia inteiramente da exploração do conceito saussuriano de *langue*, isto é, “se a *langue* é concebida como a parte social da linguagem, em posse de todos os falantes (...), seria possível se obter os dados de qualquer falante, mesmo do próprio linguista” (LABOV, 1971, p. 437).

que algumas das características mais proeminentes do dialeto moderno não estavam presentes no século XIX. Dessa forma, Labov concluiu que a forma atual do inglês afro-americano não constituía uma herança do período da escravidão, mas uma criação da segunda metade do século XX.

## 2.5 Um caso singular

No ano de 1987, Labov teve a oportunidade de testar a utilidade da Linguística em um caso bem incomum na área. No período dos jogos Pan-Americanos de Los Angeles, foram feitas, através de telefonemas, ameaças a bombas ao aeroporto daquela cidade. Um carregador de bagagem foi acusado pelo crime e preso, pois os indícios apontavam que sua voz soava igual à registrada nas ligações de ameaças.

A defesa enviou as gravações para Labov, acreditando ele seria capaz de distinguir diferentes tipos de sotaques nova-iorquinos: o acusado era de Nova Iorque. Após ouvir as gravações, Labov diz não ter restado dúvida de que o réu era inocente: o homem que fizera as ameaças de bombas, não poderia ser de Nova Iorque, mas da região de Boston, ao leste da Nova Inglaterra (cf. LABOV, 1997, s/p). O problema, no entanto, seria o de provar isso em Corte a um juiz que não conseguia ver nenhuma diferença nas falas das duas cidades. Todo o trabalho e toda a teoria que ele havia desenvolvido desde *Martha's Vineyard* fluíram através do depoimento em que ele estabeleceu o fato de que o acusado não tinha feito aqueles telefonemas.

Labov diz que se sentiu como se toda sua carreira tivesse sido modelada para fazer o mais efetivo depoimento daquele caso. Ao final de sua exposição, o juiz perguntou à acusação se queria continuar e se recusou a ouvir outros depoimentos. Conforme assinalou Labov, o juiz declarou o réu inocente das acusações baseado na evidência linguística, que achou “objetiva” e “poderosa”. Depois disso, o acusado enviou um cartão ao linguista dizendo que passou quinze meses na cadeia esperando por alguém que fosse capaz de separar fato de ficção. Labov disse já ter alcançado muitos resultados científicos, mas nada poderia ser mais satisfatório para qualquer carreira científica que separar fato de ficção nesse caso. Ressaltou que por meio da evidência linguística, um homem conseguiu sua liberdade e outro pôde dormir com a convicção de que tinha tomado uma decisão justa.

### 3 O espírito de época nas pesquisas de Labov

O primeiro fator que se quer observar diz respeito à estratificação da sociedade norte-americana em grupos étnicos minoritários (negros, índios, latino-americanos, judeus, imigrantes europeus), em classes sociais (baixa, operária, média) e diferença de sexo (homem, mulher). Deve-se examinar, assim, a hipótese pela qual o autor iniciou suas investigações sobre a estratificação social do (r) em lojas de departamentos na cidade de Nova Iorque, em meados da década de 1960: *If any two subgroups of New York City speakers are ranked in a scale of social stratification, then they will be ranked in the same order by their differential use of (r)* (LABOV, 1991 [1972], p. 44).

Observe-se ainda que na ocasião de sua pesquisa realizada em *Martha's Vineyard*, o pesquisador apontou que dentre três propriedades mais úteis para uma variável linguística servir de enfoque para o estudo de uma comunidade de fala, uma seria: *the distribution of the feature should be highly stratified: that is, our preliminary explorations should suggest an asymmetric distribution over a wide range of age levels or other ordered strata of society* (*op. cit.*, p. 8).

Os questionamentos de Raven I. MacDavid (1968 [1911-1984]), em sua revisão de Labov (1966), poderão reforçar esses argumentos. MacDavid é considerado um dos pioneiros nesse tipo de pesquisa que busca correlacionar fatos linguísticos com fatores sociais (cf. SHUY, 2003; KOERNER, 2002, p. 261). A título de exemplificação, pode-se citar sua pesquisa sobre a “análise social” do “*Post-Vocalic /-r/ in South Caroline*” (1948). MacDavid questionou a ausência de certos grupos – como “o grupo dos protestantes brancos, que ainda constitui uma grande parte da classe alta nova-iorquina (...) e possuem outros modelos de prestígios que não são os de Labov” (MACDAVID, 1968, p. 379 *apud* KOERNER, 2002, p. 262) – na pesquisa que Labov realizou em Nova Iorque. De fato, não deixara de fora apenas o grupo dos protestantes brancos da classe alta, mas toda a classe alta.

Pode-se argumentar que a opção de Labov pelas classes *média*, *operária* e *baixa* era pouco arbitrária, já que seu enfoque principal estava no fato da mudança linguística em grupos específicos. Entretanto, poucas tentativas haviam sido feitas em estudar o vernáculo dessas pessoas. Deve-se lembrar que a corrente linguística dominante na época tinha em Noan Chomsky (1928-), e sua teoria sobre “o falante-ouvinte ideal em uma comunidade de fala completamente homogênea”, seu principal expoente.



A sociedade americana da década de 1960 atravessava um período de crescentes problemas relacionados com a discussão da segregação racial, educação e estrutura social. Esses problemas eram claros e suficientes, e áreas como a Antropologia, a Sociologia e a Linguística buscavam compreendê-los e solucioná-los (cf. SHUY, 2003, pp. 5-6). Devem-se destacar, nesse período, os trabalhos de sociólogos como Paul Hanly Furfey (1896-1991), da *Catholic University of America* em Washington, e seus estudos sobre o inglês afro-americano, a partir dos anos 1930, e de seus alunos do doutorado, George Nelson Putnam (1909-1991) e Edna M. O'Hern (1919-), que desenvolveram pesquisas de campo sobre o vernáculo afro-americano. Os resultados foram organizados numa série publicada pela *Linguistic Society of America*, como PUTNAM & O'HERN em 1955 (cf. KOERNER, 2002, p. 269).

De fato, os anos 1960 demandavam uma linguística realista, o que, segundo Labov (1991[1972], p. xviii), representava um prospecto remoto, já que a maioria dos linguistas tinha se voltado para a contemplação dos seus idioletos. Entretanto, se a Antropologia e a Sociologia buscavam compreender os estratos sociais através do estudo dos traços que caracterizam sua linguagem, tarefa pertencente ao domínio da Linguística, logo, esta não poderia se omitir diante de tal provocação. O objeto de estudo da Linguística não poderia, no entanto, ser um “falante-ouvinte ideal”, imaginado em uma comunidade de fala completamente homogênea, mas uma língua que servisse a “uma comunidade linguística complexa, isto é, real, onde a ausência de heterogeneidade estruturada é que seria considerada disfuncional” (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 2006[1968], p. 36).

Se a Linguística era capaz de lidar com padrões linguísticos tão diferenciados e de ampliar suas fronteiras para o estudo da língua no contexto social através de observações em comunidades de fala, então, seria, igualmente, capaz de observar quão diferentes são os padrões linguísticos empregados por homens e mulheres em suas interações cotidianas. Isto é, o quanto a diferenciação entre os sexos seria capaz de afetar o sistema linguístico e de que forma homens e mulheres mudam a língua. O que se quer argumentar é que a Linguística não poderia se anular diante das diferenças de sexo no uso da língua numa década em que o movimento feminista desempenhou um papel fundamental no debate pelos Direitos Civis, tendo visto suas reivindicações virarem Lei com a emenda ao Ato dos Direitos Civis de 1964. Tanto na pesquisa de *Martha's Vineyard* quanto na de Nova Iorque, Labov correlacionou a variável sexo com as causas da variação e da mudança. Mais do que isso, suas pesquisas mostraram que homens e mulheres

usam a língua diferentemente, mas que as mulheres são mais conservadoras e mais sensíveis às variantes de prestígio.

É importante ressaltar que a preocupação principal de Labov sempre foi com a compreensão das causas da variação e da mudança linguística. No entanto, esse autor compreende a comunidade de fala como a mais importante realidade social. Dessa forma, para ele, a noção de um “fato social” – de que a língua existe na comunidade, exterior ao indivíduo – é seu tema central. A forma pela qual esse “fato social” é apreendido pelo indivíduo falante e a maneira como ele muda através do tempo constituem o alvo central de sua abordagem (cf. GORDON, 2006, p. 350). É a sociedade que muda a língua, porém, como se viu, homens e mulheres desempenham papéis diferentes nesse sentido.

O movimento pelos Direitos Civis provocou mudanças dramáticas no modo de vida da sociedade norte-americana nos anos 1960. As minorias se juntaram e se fizeram notadas. Entretanto, as substanciais conquistas que esses movimentos vinham tornando possíveis não diminuía a miséria que dominava os centros das grandes cidades. A grande explosão demográfica que teve início na década anterior elevou enormemente o número das populações das novas cidades e ocasionou a perda das populações de cidades antigas que atraíam, por outro lado, em suas áreas centrais, populações negras sulistas e imigrantes latinos (cf. SNOWMAN e BRADBURY, 1981, p. 335).

Esse aumento da população promoveu a fuga dos ricos para os subúrbios dos grandes centros e a aglomeração de populações negras e latino-americanas pobres em áreas centrais que estavam em ampla decadência. Tais áreas promoveram espaços para o desenvolvimento de várias pesquisas importantes feitas por Labov. Esses estudos eram denominados *Language in the Inner City* e buscavam compreender e explicar, principalmente, o chamado *Black English*.

Labov iniciou seus estudos linguísticos em 1961, ano em que John Kennedy foi empossado presidente dos Estados Unidos. Seu governo e, após sua morte, o governo de Lyndon Johnson foram marcados pelo apoio prestado ao movimento pelos Direitos Civis. Em 1963, ano em que Labov apresentou, diante da *Linguistic Society of America*, seu primeiro estudo, sobre o inglês de *Martha's Vineyard*, Martin Luther King falou àquela nação sobre seu sonho de ver uma sociedade multirracial.

Foi nesses contextos que Labov realizou suas mais importantes pesquisas. Entre os anos 1963 e 1966, o autor realizou pesquisas sobre os dialetos

falados na cidade de Nova Iorque. Esse trabalho mostrou que o inglês falado naquela cidade obedecia ao padrão de estratificação social que caracterizava aquela sociedade, isto é, pessoas pertencentes a classes sociais distintas usavam a língua diferentemente.

Em 1967, o *Harlem*, região central de Nova Iorque, foi o espaço em que ele, através de um projeto apresentado ao Ministério da Educação, analisou as dificuldades de aprendizagem de leitura por crianças negras. Essa pesquisa mostrou as diferenças estruturais entre os dialetos afro-americano e branco, mas, o mais importante, mostrou que essa diferença era resultado de um racismo institucionalizado naquela sociedade, que impedia o progresso das crianças que usavam o dialeto negro.

De fato, parece ser fundamental analisar as ideias linguísticas de William Labov correlacionando-as com o contexto em que suas pesquisas se desenvolveram, isto é, com os acontecimentos que se desenrolavam concomitantemente. Labov testemunhou grande parte dos acontecimentos importantes desse período. Vivendo em Nova Iorque desde sua adolescência e lecionando na Universidade de Colúmbia de 1964 a 1970, tinha completa consciência de todos os movimentos contra a segregação nas escolas, em favor do direito de igualdade entre as raças, os sexos, e pela amenização da estratificação social que perpassava a vida dos habitantes daquela cidade e do país de maneira geral.

Labov, em seu texto autobiográfico (1997), reconheceu a importância que os anos 1960 tiveram para o desenvolvimento de seus estudos e o papel desempenhado por alguns grupos. Ao lembrar esse período de grande proeminência para suas pesquisas, o autor sentiu pesar por constatar que os informantes de suas pesquisas, em particular os jovens negros do *Harlem*, nunca tenham se beneficiado delas, mas sucumbiram diante da criminalidade que circundava aquelas áreas que apresentavam clima de abandono urbano e privação social.

O reconhecimento de Labov reforça os argumentos apresentados anteriormente e endossa a tese de que o contexto de emergência de suas pesquisas e teorizações iniciais influenciou grandemente suas escolhas por determinados temas (*e.g.* o estudo do vernáculo afro-americano e do vernáculo das classes baixa e trabalhadora). Fatores como esses foram determinantes para o desenvolvimento do campo de estudo em que ele sempre foi seu principal representante. Koerner (2002, p. 269) ainda realça o fato do enorme financiamento que Labov e seus asso-

ciados receberam durante esse período destinado ao estudo do que ficou conhecido como “*Black English*” e à busca de soluções para o fracasso escolar dos estudantes negros, pesquisas em que Labov foi proeminente.

## Conclusão

Este artigo buscou estabelecer o percurso historiográfico linguístico da trajetória acadêmico-científica de William Labov. Mostrou como aconteceu sua aproximação com os estudos linguísticos e a relevância de seu trabalho para o desenvolvimento da área. Amparado pelo método da Historiografia Linguística, partiu-se do pressuposto de que a produção intelectual desse autor estava relacionada ao seu contexto de gênese e, dessa forma, suas teorias deveriam ser analisadas em concordância com a história sócio-individual do linguista e com o quadro sócio-histórico do contexto de emergência de seus estudos.

A análise permitiu caracterizar o indivíduo William Labov como uma figura singular e apaixonada por ciência. Sua capacidade analítica e de compreender o mundo ao seu redor fez com que ele julgasse incoerente o comportamento dos linguistas de sua época que pareciam ignorar os fatos do mundo em torno de si. Sua experiência com a vida cotidiana e seu comportamento não-conformista e progressista fizeram com que sua proposta de estudo da língua se desenvolvesse para se tornar um prolífero campo de estudo.

Essas características, aliadas ao sentimento de mudança que dominou os debates nos anos 1960, fizeram desse autor uma figura influenciadora nos estudos da linguagem. Sua experiência com métodos de estudos científicos fez com que ele analisasse com muito ceticismo as conclusões apresentadas pelos estudiosos da Linguística, na ocasião de sua entrada nessa área. Seus estudos devem ser vistos, portanto, como um esforço de tornar a Linguística um campo de estudo mais social e mais científico. Labov trouxe para a Linguística a preocupação com a vida social dos indivíduos. Isto significa que não era importante apenas o conhecimento do sistema linguístico utilizado por uma comunidade, mas se esse sistema estava ou não garantindo o sucesso das pessoas ou privando-as do acesso aos bens da vida social.

Ao mostrar o percurso trilhado por Labov, de sua formação às primeiras pesquisas, e correlacionar esse momento de emergência com o contexto sócio-histórico de produção, buscou-se mostrar a refração desse contexto na produ-

ção intelectual do autor. Pôde-se, assim, assinalar o fato de que as escolhas do autor não foram totalmente aleatórias, mas resultaram, também, daquele momento histórico.

## Referências

GORDON, Matthew J. "Interview with William Labov". In: *Journal of English Linguistics*. v. 34, n. 4, pp. 332-351, 2006. Disponível em: <http://eng.sagepub.com>. Acessado em: 24 de abril de 2008.

KOERNER, Konrad. *Toward a history of American Linguistics*. London & New York: Routledge, 2002.

LABOV, William. *The social stratification of English in New York city*. New York: Cambridge University Press, 2006[1966], 2. ed. ampliada.

\_\_\_\_\_. *How I got into Linguistics and what I got out of it*. 1997. Disponível em: <http://www.ling.upenn.edu/~wlabov/howigot.html>. Acessado em 10 de agosto de 2008.

\_\_\_\_\_. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1991 [1972].

\_\_\_\_\_. "Methodology". In: W. DINGWALL, William Orr (Ed.). *A survey of Linguistic Science*. Maryland: University of Maryland Press, 1971.

\_\_\_\_\_. *The social stratification of English in New York city*. Ann Arbor, Michigan: University Microfilms, Inc., 1966.

ROBERTS, Paul M; FRANKLIN, Paula A. *Comprehensive United States history*. New York: AMSCO School Publications, Inc., 1998.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Lingüística Geral*. São Paulo: Cultrix, 2006[1916]. Trad. A. Chelini. J. P. Paes e I. Blikstein.

SHUY, Roger W. "A brief history of American Sociolinguistics 1949-1989". In: PAULSTON, Christina Bratt; TUCKER, G. Richard (Eds.). *Sociolinguistics: the essential readings*. Massachusetts: Blackwell Publishing, 2006.

SNOWMAN, Daniel; BRADBURY, Malcolm. "Os anos 1960 e 1970". In: BRADBURY, Malcolm; TEMPERLY, Howard (Eds.). *Introdução aos estudos americanos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.

WEINREICH, U; LABOV, W & HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística*. São Paulo: Parábola, 2006. Trad. de Marcos Bagno.

**Abstract:** *This article aims at showing William Labov's intellectual and scientific trajectory. It is also our objective to highlight the importance of the scientific work of this author and the difficult path he walked until he found his true object of scientific interest. We also show that there is not, in scientific facts, accidents or coincidence, neither any innate factor; everything is composed of a historiographical individuality that is built upon the multiple experiences that all human beings accumulate during life, and in every new experience the old ones are crucial for decision-making. The working methods are produced by the combination of many other methods experienced and lived, and, at a certain time, developed. Labov must be seen as a singular person who had passion for science. His originality is to be found in his capacity to develop an approach of empirical objectivist character, the methods of which are similar to those of the exact sciences. Among the deep changes of behavior experienced by the North-American society in the 1960's, Labov developed his most important researches which would, later, lead the claims for a new way of approaching Linguistics. Of the observation of these different elements, it can be said that this author's linguistic thought should be understood as a product of his socio-individual history and that, in it, the essence of the general thought of a time is refracted.*

**Keywords:** Labov; Historiographical Individuality; Scientific Genesis.

This article aims at showing William Labov's intellectual and scientific trajectory. It is also our objective to highlight the importance of the scientific work of this author and the difficult path he walked until he found his true object of

scientific interest. We also show that there is not, in scientific facts, accidents or coincidence, neither any innate factor; everything is composed of a historiographical individuality that is built upon the multiple experiences that all human beings accumulate during life, and in every new experience the old ones are crucial for decision-making. The working methods are produced by the combination of many other methods experienced and lived, and, at a certain time, developed. Labov must be seen as a singular person who had passion for science. His originality is to be found in his capacity to develop an approach of empirical objectivist character, the methods of which are similar to those of the exact sciences. Among the deep changes of behavior experienced by the North-American society in the 1960's, Labov developed his most important researches which would, later, lead the claims for a new way of approaching Linguistics. Of the observation of these different elements, it can be said that this author's linguistic thought should be understood as a product of his socio-individual history and that, in it, the essence of the general thought of a time is refracted.